



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

AS MULHERES DA COMUNIDADE SOFTWARE LIVRE DO BRASIL CONVIDAM PARA UMA RODA DE CONVERSA SOBRE AS DESIGUALDADES DE GÊNERO DA TI

Mônica de Sá Dantas Paz

*Centro Universitário Estácio da Bahia; Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura – GIG@UFBA.
E-mail: <contato@monicapaz.net>*

Resumo: As desigualdades de gênero se fazem presente na área da Tecnologia da Informação (TI) em termos de mercado de trabalho, academia, eventos e comunidade como um todo. O mesmo ocorre em torno dos softwares livres, aqueles que são desenvolvidos e consumidos dentro de uma lógica de abertura e compartilhamento do conhecimento. Diante desse cenário, o objetivo geral do artigo é apresentar os recentes debates sobre gênero e tecnologias no seio da comunidade software livre do Brasil. Para tanto, serão analisados os conteúdos dos debates sobre gênero e diversidade na edição de 2018 do Fórum Internacional de Software Livre, que ocorre em Porto Alegre – RS, desde do ano de 2000. Tal análise se deu a partir das atividades gravadas e disponibilizadas pela organização do próprio evento. O artigo também traz uma revisão de literatura sobre o tema das mulheres no mundo software livre, além de abordar o ciberfeminismo em suas expressões ativistas contemporâneas. Com isso, este trabalho visa atualizar o entendimento sobre os temas e perspectivas das mulheres desse movimento, somando-o com os resultados da pesquisa anteriormente realizada. Dentre as problemáticas investigadas estão a questão do incentivo às mulheres ocuparem os espaços de debate e produção da da TI; o uso de políticas de retratação às diferenças de gênero; as contribuições das mulheres para ecossistema dos softwares livres; e a violência de gênero na internet e a segurança da informação.

Palavras-chave: gênero e tecnologias da informação, software livre, ciberfeminismos.

Introdução

As desigualdades de gênero se fazem presente em toda a área da Tecnologia da Informação (TI), incluindo mercado de trabalho, academia, cursos e eventos. O mesmo ocorre em torno dos softwares livres, que são aqueles desenvolvidos e consumidos dentro de uma lógica de abertura e compartilhamento do conhecimento, criando assim uma comunidade de desenvolvedores, consumidores, pesquisadores, entusiastas, dentre outros.

Em busca de igualdade e empoderamento feminino, surgem, nesta comunidade, muitos projetos e grupos com as mais diversas abordagem e estruturas. Além dos ambientes digitais que dão apoio às suas atividades, os

eventos, alguns realizados pela própria comunidade e suas organizações, são importantes pontos de encontro, debate e fomento.

Por se tratar de uma comunidade espalhada por um país de proporções continentais e que tem sofrido muitas movimentações políticas e econômicas, se pode esperar que as ações e percepções sejam heterogêneas e que isto surta efeito nos grupos e projetos que tenham perspectiva de gênero.

Diante desse cenário, o objetivo geral do artigo é apresentar os recentes debates sobre gênero e tecnologias digitais no seio da comunidade software livre (SL) do Brasil. Para tanto, serão analisados os conteúdos dos debates sobre gênero e diversidade na edição



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de 2018 do Fórum Internacional de Software Livre (FISL), que ocorre em Porto Alegre – RS, desde do ano de 2000. Tal análise se deu a partir das atividades gravadas e disponibilizadas pela organização do próprio evento.

Os objetivos específicos do estudo é investigar: o incentivo às mulheres ocuparem os espaços de debate e produção da TI; o uso de políticas de retratação às diferenças de gênero; as contribuições do movimento das mulheres para ecossistema dos softwares livres, os cuidados em relação a segurança da informação e a violência de gênero na internet e nos espaços de convívio da comunidade, como os seus eventos.

Sendo assim, este artigo se propõem a atualizar os achados da pesquisa doutoral da autora que teve por objetivo compreender as relações de gênero na comunidade software livre brasileira e entender as percepções e as ações de mulheres, organizadas em grupos e em outros projetos nessa comunidade (PAZ, 2015).

O artigo também traz uma revisão de literatura sobre o tema das mulheres no mundo software livre, além de abordar o ciberfeminismo em suas expressões ativistas contemporâneas.

Estudos sobre Ciberfeminismos e a Comunidade Software Livre

Ao termo ciberfeminismo vem sendo atribuído o significado de um corrente feminista que dialoga com as tecnologias digitais, tanto no sentido da sua apropriação para as causas das mulheres quanto na crítica feminista à tecnologia em toda a sua cadeia de projeto, desenvolvimento, consumo e

apropriação (BROPHY, 2010; HACHÉ et al., 2011, 2013; HAWTHORNE, KLEIN, 1999; MIGUEL, BOIX, 2013; NATANSOHN, 2014; ROCHA et al., 2013; SERRANO & BIGLIA, 2011).

O termo “ciberfeminismo” está novamente em uso entre as mulheres jovens que têm na internet e nas tecnologias digitais o suporte para a sua militância. Acreditamos que o termo tem potencial, ainda, para representar/nomear os recentes estudos e ativismos feministas que se focam nas TICs, enquanto meio/suporte e enquanto objeto a ser discutido pela tecnociência feminista (PAZ, 2015, p. 69-70).

Contudo, sempre é válido mencionar que o conceito tem sido resgatado e ressignificado, diferenciando-se dos seus primórdios. Afinal, na década de 1990, o ciberfeminismo estava atrelado ao surgimento das primeiras expressões artísticas que refletiam sobre o ser feminino, a internet e suas possibilidades. Esta nova conjectura era lida naquele momento como favorável a participação e apropriação feminina, principalmente, devido à natureza virtual e incorpórea do ciberespaço, bem como à facilidade de performar identidades múltiplas e fluídas (BAYM, 2010; MIGUEL, BOIX, 2013; TURKLE, 1997).

Desde então, as correntes ciberfeministas passaram da visão utópica para a determinista pessimista, pois algumas passaram a vislumbrar os impactos negativos das tecnologias digitais na vida das mulheres, através do controle e exploração dos corpos, desvalorização do trabalho feminino e de suas subjetividades. Portanto, ao resgatar tal termo, as novas concepções de um feminismo das TIC, precisaram se posicionar sobre estas questões. Esta terceira fase foi chamada de ciberfeminismo social (MIGUEL, BOIX,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

2013), por se focar nos direitos humanos e na antiglobalização frente as TIC e de ciberfeminismo 3.0 (NATANSOHN, 2014). Ambos focam nas relações de gênero na TI no sentido de resistir ao seu androcentrismo.

Acreditamos que um desses caminhos seja indicado pelo tecnofeminismo (WAJCMAN, 2006; 2009), que é uma sustentação teórica que pode ajudar a alicerçar o ciberfeminismo. Afinal aquela corrente ao pensar a tecnologia no sentido amplo, anuncia a necessidade de uma visão feminista e não determinista que pense não apenas nos usos, mas no projeto, desenvolvimento e consumo, ou seja, a análise de toda a rede sociotécnica da inovação, incluindo uma perspectiva de gênero.

Portanto, é a partir desse marco teórico que interpretamos os estudo a respeito de gênero e TIC, bem como os seus achados práticos, focando na questão específica da cultura do software livre.

Ao revisarmos a literatura, encontramos alguns estudos que vêm abordando o fenômeno do movimento do software livre a partir de sua perspectiva de gênero (BUSTOS, 2010a; 2010b; HACHÉ et al., 2011, 2013; LIN, 2005; MÁRQUEZ, 2011; NAFUS, 2011; VERGÉS, 2012) e consideramos que eles podem nos ajudar a revelar como o ativismo feminista tem feito parcerias com este movimento da cultura hacker (HIMANEM, 2001).

O software livre é a classe de programas de computador desenvolvidos e licenciados segundo as premissas das quatro liberdades do software: de ser utilizado para quaisquer fins; de poder ter seu código estudado e alterado sem restrição; de ser distribuído

livremente; e de poder ter melhorias realizadas e distribuídas em retribuição para toda a comunidade (GNU, 2013).

Um dos pilares dos software livre é o compartilhamento do conhecimento e a participação em comunidade. Sendo assim, a presença marcante de homens nesta comunidade, juntamente com a necessidade de se expor em público, torna este ambiente ainda mais desafiador para as mulheres, que ainda contam com os estereótipos negativos de gênero para o prejuízo de seu reconhecimento (HACHÉ et al., 2011). Assim as mulheres precisam lidar com o mito da meritocracia da comunidade software livre. Mito este que não leva em considerações as diferenças entre as pessoas em termos de relações de gênero e de habilidade de autopromoção, por exemplo, fatores que influenciam na atribuição de mérito às pessoas em uma comunidade (HACHÉ et al., 2011; REAGLE, 2013). Ainda há o caso de mulheres que, em ambientes online, utilizam-se de representações que não remetem ao seu gênero para escapar do assédio e dos ataques ao seu intelecto, mas isso acaba por reforçar a invisibilidade sofrida pelas mulheres (NAFUS, 2011; NAFUS et al., 2006; REAGLE, 2013). Além disso, os próprios ambientes utilizados pela comunidade baseados em texto já dificultam a visibilidade dessas mulheres (LIN, 2005).

Como forma de resistir á situação de minoria oprimida, muitas mulheres ao longo dos anos vem se organizando em agrupamentos, grupos, projetos e outras ações em prol da igualdade de gênero e do empoderamento feminino e, dessa forma, elas vem “hackeando” a comunidade em suas relações de gênero (BUSTOS, 2010; PAZ, 2015).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Em um estudo anterior, observamos que a motivação de algumas mulheres em participar de grupos de mulheres é encontrar melhores ambientes de socialização e troca de conhecimento, além de incentivar a participação e permanência das mulheres na TI e no SL. Algumas ainda consideram que a participação nesses projetos e grupos é a forma pela qual elas colaboram com a comunidade software livre, que apesar das discrepâncias é considerada como uma comunidade mais aberta às questões de gênero e outros debates (PAZ, 2015).

Além do ambiente online, é costume da comunidade reunir-se em eventos alguns mais específicos e outros mais generalistas. A seguir, conheceremos um dos eventos que movimenta e congrega colaboradores, usuários e projetos de softwares livres.

Sobre o Fórum Internacional de Software Livre (FISL)

O FISL, como é conhecido Fórum Internacional de Software Livre, mantém uma tradição dentre os eventos de TI e de software livre devido a sua longevidade e por ser considerado o maior evento comunitário sobre tecnologias livres do país. É um evento de propósito geral, mas com foco no debate e no fomento. A sua organizadora é a Associação Software Livre (ASL.org).

A grade programática do FISL apresenta palestras técnicas e não técnicas, debates, oficinas, *workshops*, encontros e subeventos que reúnem palestrantes do mundo acadêmico, empreendedores, ativistas, funcionários públicos etc.. Além disso, as comunicações são organizadas em trilhas tais como: “administração de sistemas;

computação em nuvem, névoa e P2P; desenvolvimento, hardware aberto e livre; tópicos emergentes; comunicação e cultura; e ecossistema e educação” (FISL18, 2018a). Importante mencionar que grande parte da grade é formada a partir de uma chamada de trabalhos, que são avaliados pelos participantes e palestrantes da edição atual e de edições anteriores do evento.

Devido à crise econômica e política brasileira, a falta de patrocínios tem sido um fator impactante que vem alterado a dimensão e a periodicidade do evento. Se em seu apogeu, o FISL recebeu 8.232 em sua edição comemorativa de 10 anos em 2009 (PSL BRASIL, 2009), as suas últimas edições passaram por dificuldades. O FISL18 deveria ter ocorrido em julho de 2017, como de costume, mas foi anunciando para outubro desse mesmo ano, após a necessidade de uma campanha de doação individual (PSL BRASIL, 2017). Mesmo com tais medidas, o FISL foi adiado para 2018 e o público do evento não passou de 1.600 pessoas (FISL18, 2018b).

O Quadro 1 apresenta os números de participantes do FISL e seus anos de realização para mostrar as mudanças enfrentadas pelo evento, além de apresentar o cenário de desigualdade de gênero vivenciado ao longo dos últimos cinco anos. Não estão disponíveis no momento os números completos das edições de 2014 e 2017, mas podemos perceber um declínio na quantidade de participantes.

Edições	Ano	Homens	Mulheres	Total
FISL14	julho 2013	81%	19%	7.217
FISL15	maio	-	-	6.017



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

	2014			
FISL16	2015	75%	25%	5.281
FISL17	2016	-	-	3.937
FISL18	julho 2018	81%	19%	1.565

Quadro 1: estatísticas de participação no FISL totais e por gênero.

Fonte: FISL14 (2013a), Wikipédia (2018), FISL16 (2015), Wikipédia (2018) e FISL18 (2018b).

No geral, o evento é patrocinado e apoiado por diferentes esferas do governo, empresas do ramo da TI e da mídia. Em 2018, o evento contou com: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, Comitê gestor da Internet, Caixa no "patrocínio ouro"; as empresas Sidia e Redhat no "patrocínio prata"; Zextras Tchnology, ThoughtWorks, Rocket,chat e OpenSuse no "patrocínio bronze"; além de vários apoios (FISL18, 2018d).

Contudo, é válido destacar a falta de uma "patrocínio ouro" na edição de 2016 (FISL17, 2016), que é a designação da organização do evento para as cotas de patrocínio mais altas. Este fato junto com as estatísticas do evento (Quadro 1) apontam que a crise enfrentada pelo evento não se restringe à sua última realização.

A edição do FISL 2018 também foi marcada por um ciberataque ao seu site no primeiro dia do evento. O ataque foi caracterizado por um *defacement*, no qual o conteúdo de um site é danificado e este passa a exibir uma mensagem escolhida pelo atacante.

Em nota oficial, a ASL.org relatou o ataque que teve como alvo o movimento feminista e a própria entidade organizadora e seu apoio ao movimento e conteúdos das mulheres. A ASL repudiou o ocorrido, reiterou o seu

compromisso com a participação feminina no FISL e contra o machismo e os discursos de ódio. Também destacou o seu pioneirismo no país na adoção de uma política anti-assédio, que foi também assumida por outros eventos de TI (FISL18, 2018c).

A política anti-assédio foi lançada no Brasil no FISL14 em 2013 devido a influência da ativista e cofundadora da Ada Initiative, Valerie Aurora, que atuava no sentido de inserir mais mulheres na TI e apontava o assédio em eventos como um vetor de exclusão delas. Tal documento tem como objetivo alertar aos seus participantes que não são tolerados comportamentos discriminatórios em relação a gênero, raça, aparência física, orientação sexual, etnia, condições sociais e necessidades especiais. A organização do evento também incentiva, através dessa política, a denúncia contra ameaças e ofensas pessoais (FISL14, 2013b; PAZ, 2015).

Outros destaques do Fórum Internacional de Software Livre em termos de promoção da igualdade de gênero são relativas à presença de grupos de mulheres em mini-eventos, *stands* e palestras; esforços no sentido de aumentar a representabilidade das mulheres na grade programática tanto em palestras como em oficinas, cursos e outras atividades; oficinas voltadas para o público feminino; além de palestras sobre o tema com convidadas nacionais e internacionais (PAZ, 2015).

O evento também conta com a colaboração de outros projetos da ASL para o reforço da sua comunicação, como a Rádio Software Livre e a TV Software Livre (ASL, 2011), que durante o fórum realizam a sua cobertura e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

transmissão ao vivo e, posteriormente, disponibilizam conteúdos para consumo sob demanda. Para tanto os palestrantes precisam assinar um termo de autorização de uso de suas imagens. Assim o evento se mantém na sua missão de difusão do conhecimento e possibilita o seu acesso por pessoas geograficamente e cronologicamente distantes da capital gaúcha durante a sua realização. Foram esses conteúdos disponibilizados sobre a grade de programação do FISL18 que formamos o *corpus* do presente estudo.

Procedimentos Metodológicos

O estudo teve por base o conteúdo programático da 18ª edição do Fórum Internacional Software Livre, que ocorreu em Porto Alegre de 11 a 14 (quarta a sábado) de julho de 2018.

Os procedimentos de pesquisa iniciaram-se com a busca por palavras-chave na grade de programação do evento que incluíam: “mulheres”, “*girl*”, “*women*”, “gênero”, “diversidade”, “empoderamento” e “feminismo”. A sistematização da pesquisa foi necessária devido ao tamanho da grade de atividades do evento, pois, segundo o divulgado pela organização, este evento contou com 334 palestras ao longo dos quatro dias.

Dos quatro dias de programação do FISL18, o primeiro e o quarto dia não apresentaram retorno de palestras ou outras atividades ao filtro realizado, o segundo e o terceiro dia apresentaram duas atividades cada. Das quatro atividades encontradas, apenas duas atividades, as do dia 12 de novembro, foram gravadas e tiveram seus vídeos disponibilizados (ver Quadro 2).

Dia	Atividade	Trilha
Dia 12	A participação das mulheres no Software Livre (Gravado em vídeo)	Ética hacker e Hackerfeminismo
Dia 12	Roda de Conversa Hackeando o machismo, [desconstruindo] opressões (Gravado em vídeo)	Ética hacker e Hackerfeminismo
Dia 13	Evento Comunitário: 'Rede Nacional de Ciberativistas em Defesa das Mulheres Negras (Não gravado em vídeo)	Minieventos – Comunidades
Dia 13	Diversidade importa e importe-se! (Não gravado em vídeo)	Ecosistema – Filosofia, Política e Sociedade

Quadro 2: *Corpus* da pesquisa
Fonte: programação do FISL18

Uma vez encontradas as atividades a serem analisadas, foi realizada a transcrição das que foram registradas em vídeo, para detecção e análise dos temas citados, bem como verificação das diferenças ou congruências sobre os argumentos apresentados pelas mulheres durante tais atividades.

As análises se deram a partir dos temas expostos nos objetivos específicos do trabalho, que como já citados são: 1) o incentivo às mulheres ocuparem os espaços de debate e produção da da TI; 2) o uso de políticas de retratação às diferenças de gênero; 3) as contribuições do movimento das mulheres para ecossistema dos softwares livres; 4) violência de gênero na internet e nos espaços de convívio da comunidade, como os



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seus eventos. Também analisou-se o tipo e formatos das atividades propostas.

O *corpus* de pesquisa ainda contou com outros conteúdos no formato de notícias, por exemplo, disponibilizados no site do evento bem como nos sites de suas versões anteriores.

Resultados: sobre as atividades analisadas

Inicialmente, ao se observar as atividades propostas (Quadro 2) em relação à trilha nas quais foram submetidas, notou-se que das quatro atividades encontradas, apenas duas foram cadastradas como sendo da trilha “Ética hacker e Hackerfeminismo”. Apesar dessa trilha específica para as questões ligadas ao ativismo das mulheres e das questões de gênero, as outras duas atividades pesquisadas não estavam atreladas a ela.

Em relação à autoria das atividades, apenas a palestra “Diversidade importa e importe-se!” não apresentou autoria coletiva. Nota-se assim a preferência pela formação de agrupamentos para fortalecer e diversificar a participação dessas mulheres e promover o debate. Isto pode ser interpretado como coerente à proposta de um fórum por se tratar de uma questão sociocultural.

A ficha disponibilizada pelo FISL18 sobre a primeira atividade analisada consta no Quadro 3 a seguir:

A participação das mulheres no Software Livre

Trilha: Ecossistema - Ética hacker e Hackerfeminismo

Autores: [...]¹

Apresentação: Dia 12 às 11:00 na sala Sala 2 (60 minutos) vídeo

1 Optou-se por ocultar os nomes das autoras.

Descrição: Realizar uma mesa com a participação de mulheres de diversos seguimentos do SL para relatarem suas experiências.

Quadro 3: Ficha da atividade “A participação das mulheres no Software Livre”

Fonte: programação do FISL18

As proponentes desta atividade remodelaram o *layout* da sala, utilizando-se de um semicírculo de cadeiras, e convidaram as demais participantes a se aproximarem e ficarem assim em uma disposição mais intimista e horizontal. Dessa forma, elas puderam relatar suas experiências, seguindo o modelo de roda de conversa.

Após as falas das quatro proponentes, duas cadeiras foram liberadas para que outras pessoas pudessem participar e falar ao microfone, visando inclusive a melhor situação para a gravação que estava sendo realizada pela TV Software Livre. O objetivo de promover o debate e ter outros relatos foi alcançado e a atividade durou ao todo 54 min, segundo o registro em vídeo.

A ficha da segunda atividade analisada neste artigo e disponibilizada pelo site do FISL18 consta no Quadro 4 a seguir:

Roda de Conversa Hackeando o machismo, [desconstruindo] opressões

Trilha: Ecossistema - Ética hacker e Hackerfeminismo

Autores: [...]

Apresentação: Dia 12 às 16:00 na sala Sala 2 (120 minutos) vídeo

Descrição: Roda de conversa sobre as ofensas e assédios às mulheres, discursos de ódio e ataque ao site do FISL18.

Quadro 4: Ficha da atividade “Roda de Conversa Hackeando o machismo, [desconstruindo] opressões”

Fonte: programação do FISL18



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O layout da sala também usou um grande círculo que comportou muitos dos participantes. Dentre as convidadas e convidados alguns foram chegando ao longo das falas, pois a atividade foi iniciada mesmo sem a presença de todos. Na abertura, esses participantes foram descritos como ativistas da educação, direito, feminismo, do movimento negro, mas também haviam representantes de hackerclub, organizadores do evento, movimento LGBTTI, pesquisadores, grupos de usuários, etc. Os participantes apresentaram sua biografias, seus questionamentos e inquietações iniciais e, por vezes, respondiam ou replicavam os comentários de outros debatedores.

Foram mencionados vários temas relacionados a segurança da informação, direitos humanos, software livre e opressão de gênero na internet, mas também o viés de raça, classe e sexualidade foram destacados. Além disso, projetos e grupos relacionados foram apresentados. Ao todo, a gravação durou 1h40min.

Apesar de ser motivado pelo ciberataque às mulheres feministas do evento, o debate ocorreu de forma mais geral, tratando dos direitos humanos frente a internet como um todo, bem como trouxe o debate de raça, classe, religião, LGBTTI e buscou apontar possíveis encaminhamentos.

Resultados: argumentos levantados nos debates

A análise do conteúdo argumentativo dos debates foram analisados dentro de quatro categorias. Inicialmente, dentre os temas apresentados, destacam-se o da categoria **incentivo às mulheres ocuparem os espaços de debate e de produção da TI.**

No primeiro debate, os fatos que contextualizam e comprovam esta necessidade muitas vezes foram apresentados na forma de estatísticas sobre a ausência de mulheres na TI e das experiências pessoais das debatedoras ao se perceberem na situação de minoria por serem mulheres na TI, tanto na participação no mercado de trabalho, na universidade, nos eventos e em outros projetos comunitários. Outro fato associado ao agravamento da ausência das mulheres no espaços da TI é o assédio sofrido por elas, que por serem poucas, algumas vezes, acabam recebendo um tipo de atenção opressora e que desestimula a sua permanência nesses lugares.

A família e sua influência na formação das mulheres foi apontada como muito relevante no que se refere à escolha das carreiras ligadas à TI e aos estereótipos de gênero. Tal influência pode ser no sentido de apoio à carreira ou não, bem como no reforço dos estereótipos negativos ou mesmo a quebra dos mesmos. Por isso, acredita-se na importância da resignificação das relações de gênero advindas do núcleo familiar e da educação doméstica desde a infância para a superação dos desafios impostos pela cultura machista vivenciada na sociedade e, mais especificamente, na área da TI.

A própria existência de rodas de conversas foi defendida pelas participantes, pois foi considerada uma oportunidade para as mulheres darem suporte a outras e, assim, as ajudarem a desenvolver seus projetos, pois, muitas vezes, elas têm suas competências menosprezadas e testadas. Nesse sentido, o espaço também serviu para apresentação de alguns projetos liderados por mulheres e com perspectiva de gênero.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Sobre o debate sobre violência de gênero na internet na segunda atividade estudada, apontou-se que episódios como o do *defacement* do site do FIS18 buscou ofender e afastar mulheres e afirmou-se a importância de reforçar uma resposta, visando o repúdio e a transformação desse tipo de comportamento através do debate e da conscientização. Também foi defendido que parte da resposta ao ocorrido deve ser no sentido do reforço das redes de apoio e de colaboração.

Na primeira pesquisa sobre gênero na comunidade software livre que defendemos em 2015, constatamos que as principais motivações mencionadas pelas participantes de um questionário sobre sua participação em grupos de mulheres, foram: “Convivência online com quem tem as mesmas experiências; Ambiente mais agradável para tirar dúvidas e compartilhar conhecimentos e experiências; Inclusão de mais mulheres na TI” (PAZ, 2015, p. 165). Ou seja, além de buscar por socialização e um ambiente mais agradável para si próprias, estas mulheres buscam pela transformação do ambiente para algo mais acolhedor para todas as mulheres.

A segunda categoria de temas recorrentes diz respeito ao **uso de políticas de retratação às diferenças de gênero**, principalmente, na comunidade software livre e seus eventos comunitários.

No primeiro debate, algumas participantes criticaram a existência de cotas para aumentar a participação das mulheres na programação de eventos, por exemplo, pois algumas consideram isso protecionismo, uma forma de privilégio e que pode agir de forma negativa contra as mulheres. Para elas, isso as inferioriza e retira delas o mérito de estarem

em uma posição de destaque e reconhecimento por esforços próprios. Contudo, nesse ponto não houve consenso, pois uma outra posição a esse respeito, defende tais iniciativas pois consideram necessários os esforços no sentido do acolhimento e da promoção de práticas e de formas de pensar mais abertas, “hackeando” as atuais práticas consideradas injustas e autoritárias e que, por isso, não fornecem as mesmas condições de desenvolvimento e visibilidade ao trabalho feminino.

Na segunda atividade, chegou-se a mencionar a estipulação de uma meta de 50% de palestras lideradas por mulheres e, ainda, que também haja um incentivo a uma maior participação de mulheres negras, indígenas e não brancas debatendo e pensando formas de apropriações tecnológicas mais inclusivas de acordo com as suas vivências. Muitos participantes entraram em acordo a esse respeito, mesmo com a ressalva de que poucas mulheres submetem atividades, muitas vezes por uma questão de insegurança em relação à exposição pública. Mas também houve a defesa da presença dos homens, pois muitos deles são parceiros da causa das mulheres e podem colaborar para a permanência delas no campo da TI.

Em nossa pesquisa anterior, também constatamos uma pluralidade de opiniões sobre iniciativas pró-equidade de gênero, principalmente, as ações destinadas unicamente à mulheres e que também são chamadas de *only-women*, neste contexto. Os debates sobre esse tema, por vezes, geram a necessidade de controle de conflito por gerar discussões mais intensas e divergentes (PAZ, 2015).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A terceira categoria dos temas debatidos no FISL18 é a **das contribuições do movimento das mulheres para ecossistema dos softwares livres**. A esse respeito, houve o argumento dos benefícios decorrentes da diversidade da comunidade e das equipes de trabalho. As debatedoras na primeira atividade acreditam que assim, haverá uma mudança no ponto de vista da criação da tecnologia, ao se acrescentar uma outra perspectiva à produção tecnológica que, dessa forma, se aproximaria das necessidades da humanidade e não ficaria apenas sob o domínio de um grupo hegemônico, como seria o caso de homens, brancos, estadunidenses e de classe social com maior poder econômico. Elas também sustentaram o argumento que a diversidade de gênero gera um ambiente mais agradável, respeitoso e mais propício à produtividade.

Na pesquisa anterior, como já mencionado, descobrimos que muitas mulheres consideram que a sua participação na comunidade software livre se dá a partir da participação em projetos voltados para as mulheres e, ainda, percebemos que estas ativistas buscam colaborar com a comunidade justamente fomentando o debate e ações com perspectiva de gênero em prol da promoção da diversidade, bem como do empoderamento feminino (PAZ, 2015).

Por fim, apresentamos alguns mais pontos do debate sobre **segurança da informação e violência de gênero na internet**, atividade motivada pelo *defacement* do site do FISL18.

Para o ataque, a resposta da organização foi o reparo do site, publicação de uma nota de repúdio e registro de um boletim de ocorrência na polícia, além de ter se

prontificado a acolher e participar da atividade sobre o tema.

Dentre os fatos apresentados nesse tópico está o fato de que é ainda muito difícil investigar tais cibercrimes e que uma opção viável e eficaz é o investimento em conscientização e em participação feminina. Assim espera-se que haja a quebra de paradigmas da comunidade, atentando para questões de violência, privacidade e da falta da possibilidade do esquecimento, visto que tudo fica registrado e de tempos em tempos pode voltar a circular e continuar a causar danos pessoais.

Outro assunto muito comentado foi o do paradoxo ou da contradição da tecnologia libertadora, como o anunciado no *slogan* do evento, *versus* tecnologia opressora, pois tanto em espaços online quanto em outros espaço da TI, a violência, incluindo a de gênero encontra cada vez mais meios de se propagar. Inclusive foram denunciados casos de silenciamento e de bloqueio de ativistas e projetos dos movimentos feminista e negro em sites de redes sociais, além de pornografia de vingança e *bullying*.

Sobre essa controvérsia, alguns participantes ressaltaram que um dos pilares do software livre é a liberdade de uso para quaisquer fins, bem como outras liberdades como a de expressão e a do anonimato na internet. Contudo, o SL está na seara da ética hacker, logo os usos criminosos e os que ferem a dignidade e a liberdade alheia são repudiadas pela comunidade SL e é preciso o enfrentamento.

Dentre os encaminhamentos sugeridos durante o debate, podemos citar:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

- investir em debate e conscientização das pessoas em relação ao uso da internet e seus riscos contra a pessoa;
- cobrar das autoridades o cumprimento das leis, o que também inclui investimentos em conscientização sobre segurança da informação;
- adotar a meta para os próximos FISL de se alcançar uma representatividade feminina na grade de programação de 50%, ou pelo menos aumentar os índices atuais;
- adicionar à meta de participação feminina a perspectiva de raça, para que mais mulheres não brancas exponham suas experiências e conhecimentos sobre TI e SL;
- esforço pessoal das participantes mulheres em submeterem trabalhos e incentivar que outras mulheres façam o mesmo.

Considerações finais

Os temas e debates do FISL18 são condizentes com a pesquisa desenvolvida em 2015 e com a literatura levantada. Contudo foram expandidos, principalmente, em decorrência ao ataque de *defacement* do site do evento contra a participação das mulheres no fórum.

De forma geral, podemos falar que o incentivo à presença de mulheres como participantes e palestrantes é uma forte corrente de ação apoiada pela comunidade do FISL, contudo as políticas de cotas ainda são polêmicas e dividem as opiniões. Com a maior participação das mulheres acredita-se poder transformar as relações sociais e de

gênero no software livre e a tecnologia em si. Para tanto, requisitaram-se tanto as ações individuais e coletivas, quanto as institucionais para promover a representatividade e a segurança das mulheres neste cenário. Os interessados apresentaram-se alinhados e engajados, o que pode apontar para a continuidade dos debates e demais ações de igualdade de gênero na comunidade, pelo menos no que se referem a alguns projetos e eventos como o FISL.

Como trabalhos futuros, apontamos a necessidade de realização de entrevista com os envolvidos nos debates, em especial, os das atividades não registradas em vídeo. Também acreditamos importante manter o acompanhamento dos desdobramentos desses debates e das demais atividades com foco na diversidade de gênero e no empoderamento feminino nos espaços de debate da comunidade software livre, para o aprofundamento do entendimento das suas relações de gênero e das apropriações tecnológicas que as mulheres vêm realizando nesse área.

Referências

ASL, Associação Software Livre. Atuação, 2011. Disponível em: <<http://softwarelivre.org/asl/sobre/atuacao>>. Acesso em: 10 nov 2018.

BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Cambridge, UK: Polity, 2010. Print.

BROPHY, J. E. Developing a corporeal cyberfeminism: beyond cyberutopia. In: **New Media & Society**, v.12, n.6, p. 929–945, 2010.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

BUSANICHE, Beatriz. **El software libre y las mujeres**. 2006. Disponível em: <<http://www.bea.org.ar/2006/el-software-libre-y-las-mujeres>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

BUSTOS, Tania Pérez. **Construyendo espacios de exclusividad: una aproximación etnográfica al papel y la experiencia de mujeres indias y colombianas en las comunidades locales de Software Libre**. Universitas Humanística No.69 janeiro-junho de 2010 pp: 115-137, Bogotá - Colômbia ISSN 0120-4807.

FISL14. Fórum Internacional Software Livre. **Relatório**, 2013.

FISL14. Fórum Internacional Software Livre. **Política Anti Assédio**, 2013b. Disponível em: <<http://softwarelivre.org/fisl14/o-evento/politica-anti-assedio>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FISL16, 16º Fórum Internacional de Software Livre. **Confira o relatório completo do FISL16!**, 2015. Disponível em: <<https://softwarelivre.org/fisl16/noticias/confira-o-relatorio-completo-do-fisl16>>. Acesso em 10 nov. 2018.

FISL17, 17º Fórum Internacional de Software Livre. **Patrocinadores**. 2016. Disponível em: <<https://softwarelivre.org/fisl17/o-evento/patrocinadores>>. Acesso em 10 nov. 2018.

FISL18, 19º Fórum Internacional de Software Livre. **Trilhas**. 2018a. Disponível em: <<http://fisl18.softwarelivre.org/index.php/trilhas/>>. Acesso em 26 ago. 2018.

FISL18, 19º Fórum Internacional de Software Livre. **Marcado pela resistência, FISL18**

reúne mais de 1,5 mil participantes . 2018b. Disponível em: <<http://fisl18.softwarelivre.org/index.php/2018/07/15/marcado-pela-resistencia-fisl18-reune-mais-de-15-mil-participantes/>>. Acesso em: 10 nov. 2018

FISL18, 19º Fórum Internacional de Software Livre. **Nota da Associação Software Livre.ORG**. 2018c. Disponível em: <<http://fisl18.softwarelivre.org/index.php/2018/07/12/nota-da-associao-software-livre-org/>>. Acesso em 10 nov. 2018.

FISL18, 19º Fórum Internacional de Software Livre. **Patrocinadores**. 2018d. Disponível em: <<http://fisl18.softwarelivre.org/index.php/patrocinadores/>>. Acesso em 10 nov. 2018.

GNU. **O que é o software livre?** Projeto GNU. 2013. Disponível em: <<http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

HACHÉ, A.; CRUELS, E.; VERGÉS, N. **Mujeres programadoras y mujeres hackers: una aproximación des de Lela Coders**. [s.l.:s.n.], 2011.

HAWTHORNE, S.; KLEIN, R. Introduction: cyberfeminism. In: HAWTHORNE, S.; KLEIN, R. **Cyberfeminism: connectivity, critique and creativity**. [s.l.]: National Library of Australia, 1999. Disponível em: <<http://bit.ly/aWKRnM>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

HIMANEM, Pekka. **A ética dos hackers e o espírito da era da informação: a diferença entre o bom e o mau hacker**. Tradução: Fernanda Wolff. Rio de Janeiro: Campus, 2001.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

LIN, Yuwei. Gender dimensions of floss development. **Mute**, underneath the ledge commons, v. 2, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.metamute.org/editorial/magazine/mute-vol-2-no.-1-%E2%88%92-underneath-knowledge-commons>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

MIGUEL, A. de; BOIX, M. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. In: NATANSOHN, G. (Org.). **Internet em código feminino: teorias e práticas**. 2.ed. revista e ampliada. Buenos Aires: La Crujía, 2013, v. 1.

NAFUS, Dawn. **Patches don't have gender: what is not open in open source software**. *New Media & Society*, v. 14, n. 4, p. 669–683, 2011.

NATANSOHN, L. Graciela. Por una agenda feminista para internet y las comunicaciones digitales. In: CONGRESO GÉNERO Y SOCIEDAD, VOCES, CUERPOS Y DERECHOS EM DISPUTA, 4., 24 al 26 de setiembre de 2014, Córdoba. **Anais...** Córdoba, 2014.

PAZ, Mônica de Sá Dantas. **Mulheres e tecnologia: hackeando as relações de gênero na comunidade software livre do Brasil**. Tese (doutorado) – Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

PSL BRASIL. Projeto Software Livre Brasil. **fis10 reúne mais de 8 mil pessoas em Porto Alegre**, 2009. Disponível em: <<http://softwarelivre.org/portal/fisl/fis10-reune-mais-de-8-mil-pessoas-em-porto-alegre>>. Acesso em 10 nov. 2018.

PSL BRASIL. Projeto Software Livre Brasil. **Está aberta a campanha de doações para o**

FISL18!, 2017. Disponível em: <<http://softwarelivre.org/portal/noticias/esta-aberta-a-campanha-de-doacoes-para-o-fisl18>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

REAGLE, Joseph. Free as in sexist? Free culture and the gender gap. **First Monday, Peer Reviewaed Journal on the Internet**, v. 18, n. 1, 7 January 2013.

ROCHA, B. *et al.* O ciberfeminismo desencantado. [Resenha de] NATANSOHN, G. (Org.). **Internet em código feminino: teorias e práticas**. 2.ed. revista e ampliada. Buenos Aires: La Crujía, 2013. **Revista Feminismos**, v.1, n.3, set.-dez. 2013. Disponível em: <www.feminismos.neim.ufba.br>.

SERRANO, M. L.; BIGLIA, B. Pedagogía cyberfeminista: entre utopía y realidades. **TESI - Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información**, v.12, n.2, p. 149-183, 2011.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

VERGÉS, N. B. De la exclusión a la autoinclusión de las mujeres en las TIC. Motivaciones, posibilitadores y mecanismos de autoinclusión. **Athenea Digital**, v.12, n.3, p.129-150, 2012. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Verges>>

WAJCMAN, J. **El tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.

WAJCMAN, J. Feminist theories of technology. **Cambridge Journal of Economics Advance Access**, 8 Jan. 2009.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

WIKIPÉDIA. **Fórum Internacional
Software Livre**. 2018 Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/F
%C3%B3rum_Internacional_Software_Livre
#FISL_17](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_Internacional_Software_Livre#FISL_17)>. Acesso em 10 nov. 2018.